

JÚLIA FLÁVIA DIAS COSTA

---

---

**PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO:  
OLHARES SOBRE A DANÇA NO CONTEXTO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

---

---

***CURRICULUM PROPOSE OF THE STATE OF SÃO PAULO:  
LOOKS ABOUT DANCE IN THE CONTEXT  
OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION***

CAMPINAS  
2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

JÚLIA FLÁVIA DIAS COSTA

---

---

**PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO:  
OLHARES SOBRE A DANÇA NO CONTEXTO  
DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

---

---

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Ayoub

***CURRICULUM PROPOSE OF THE STATE OF SÃO PAULO:  
LOOKS ABOUT DANCE IN THE CONTEXT  
OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION***

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciada e de Bacharel em Educação Física.

Campinas, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR ANDRÉIA DA SILVA MANZATO – CRB8/7292  
BIBLIOTECA "PROFESSOR ASDRÚBAL FERREIRA BATISTA"  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - UNICAMP

C823p Costa, Júlia Flávia Dias, 1991-  
Proposta curricular do Estado de São Paulo: olhares sobre a dança no contexto da educação física escolar / Júlia Flávia Dias Costa. – Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientador: Eliana Ayoub.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Dança. 2. Escola. 3. Currículo – Avaliação – São Paulo (Estado). I. Ayoub Eliana. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Curriculum propose of the State of Sao Paulo: looks about dance in the context of school physical education

**Palavras-chaves em inglês:**

Dance

School

School physical education

Curriculum propose of The State of Sao Paulo

**Titulação:** Bacharelado em Educação Física

**Banca examinadora:**

Eliana Ayoub [orientador]

Jocimar Daolio

**Data da defesa:** 23-11-2012

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Eliana Ayoub  
Orientadora

---

Prof. Dr. Jocimar Daolio

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos amores da minha vida  
(vocês sabem quem são)!*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a todas as pessoas maravilhosas que me acompanharam ao longo da minha vida e da minha trajetória acadêmica. Ao meu pai, Nelson, pelo seu grande incentivo em relação a minha escolha profissional. A minha mãe, Jaíne, por sempre me fazer acreditar no meu potencial. Aos meus amados irmãos, Roger e Monique, por simplesmente existirem e me alegrarem todos os dias da minha vida. E ao meu amor, Vinícius, que com toda certeza, foi o maior presente que ganhei nestes quatro anos de graduação.*

*Agradeço pelos amigos que fiz, às pessoas incríveis que conheci e pelos grandes professores inspiradores que tive! Um obrigado especial à minha orientadora Nana que me ajudou a realizar este trabalho do qual muito me orgulho e um outro também muito especial ao professor Jocimar que colaborou muito com olhar que possuo hoje sobre os Cadernos do Estado.*

*Enfim, agradeço a Deus por todas as bênçãos que tenho em minha vida e por todas as pessoas maravilhosas que fazem parte dela!*

*Muito obrigado!*

COSTA, Júlia F. D. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: olhares sobre a dança no contexto da educação física escolar**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

## RESUMO

A dança é uma forma que o ser humano encontrou para expressar seus sentimentos mais profundos e que sempre fez parte da civilização humana. É considerada um dos conhecimentos da cultura de movimento, junto com o esporte, a luta, a ginástica e o jogo. Seu ensino no contexto escolar oferece grandes possibilidades e contribuições muito ricas para a formação do aluno. É importante que seja ensinada visando à contribuição na formação crítica do estudante ao pensar sobre as diferentes formas de expressão relacionadas às práticas corporais que o ser humano cria e transforma ao longo de sua história. Em 2008, foi publicada a Proposta Curricular do Estado de São Paulo e os Cadernos do Professor e em 2009, os Cadernos do Aluno relativos à educação física e demais componentes curriculares, com o intuito de organizar e sugerir para as diferentes áreas um conjunto de conteúdos a serem trabalhados com os alunos. Este estudo de revisão bibliográfica e documental tem como objetivo principal realizar uma análise dos Cadernos do Professor e do Aluno em relação ao que ele apresenta sobre a dança.

**Palavras-Chaves:** Dança; Escola; Educação Física Escolar; Proposta Curricular do Estado de São Paulo; Cadernos do Professor e do Aluno.

COSTA, Júlia F. D. **Curriculum Propose of the State of São Paulo: looks about dance in the context of school physical education.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

## ABSTRACT

Dance is a way that humans found to express their deepest feelings and has always been part of human civilization. It is considered one of the movement culture's knowledge, along with sports, fights, gymnastics and games. Teaching dance within school's context offers great possibilities and rich contributions to a student development. It is important to be taught in order to contribute to the critical development of the student when thinking about the different ways of expression related to corporal practices which humans create and transform along their history. In 2008, the Curriculum Propose of The State of São Paulo and the Teacher's notebooks related to physical education were published and in 2009 the Student's notebook with the intention of organize different areas, and suggest them a group of contents to be worked with the students. This thesis of bibliographic and documental review has as its major purpose to perform an analysis of Teacher and Student's Notebooks in relation to what they present about dance.

**Keywords:** Dance; School; School Physical Education; Curriculum Propose of The State of São Paulo; Teacher and Student's notebook.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>EF</b>	Educação Física
<b>E.F</b>	Ensino Fundamental
<b>E.M</b>	Ensino Médio
<b>PPC</b>	Proposta Curricular

## SUMÁRIO

<b>VAMOS COMEÇAR? 5, 6, 7, 8.....</b>	<b>10</b>
<b>1 TENTANDO EXPLICAR O INEXPLICÁVEL: CONCEITOS E POSSIBILIDADES DA DANÇA .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....</b>	<b>18</b>
2.1 Por que a dança deve ser ensinada na escola? .....	18
2.2 Como se dá a dança na educação física escolar? .....	21
<b>3 A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA SEGUNDO A PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO .....</b>	<b>25</b>
<b>4 O QUE DIZEM OS CADERNOS DO ESTADO? .....</b>	<b>31</b>
4.1 Estrutura dos Cadernos do Professor e do Aluno .....	31
4.2 Cadernos do Professor do ensino fundamental .....	33
4.2.1 Cadernos do 6º ano do E.F .....	33
4.2.2 Cadernos do 7º ano do E.F .....	34
4.2.3 Cadernos do 8º ano do E.F .....	36
4.2.4 Cadernos do 9º ano do E.F .....	37
4.3 Cadernos do Aluno do ensino fundamental .....	40
4.3.1 Cadernos do 6º ano do E.F .....	40
4.3.2 Cadernos do 7º ano do E.F .....	41
4.3.3 Cadernos do 8º ano do E.F .....	41
4.3.4 Cadernos do 9º ano do E.F .....	42
4.4 Cadernos do Professor do ensino médio .....	43
4.4.1 Cadernos do 1º ano do E.M .....	43
4.4.2 Cadernos do 2º ano do E.M .....	44
4.4.3 Cadernos do 3º ano do E.M .....	44
4.5 Cadernos do Aluno do ensino médio .....	48
4.5.1 Cadernos do 1º ano do E.M .....	48
4.5.2 Cadernos do 2º ano do E.M .....	50
4.5.3 Cadernos do 3º ano do E.M .....	50
<b>PARA ALÉM DOS CADERNOS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>

## VAMOS COMEÇAR? 5, 6, 7, 8...

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde. (MARQUES, 2006, p.15)

O tema deste presente estudo é uma análise do conhecimento Dança na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008) e nos Cadernos do Professor (SÃO PAULO, 2009a) e do Aluno relativos à educação física (SÃO PAULO, 2009b). Escolhi esta questão primeiramente pela paixão que tenho pela dança. Há quem diga que eu provavelmente aprendi primeiro a dançar e depois a andar. Mas, brincadeiras à parte, acredito que é de grande importância para todos os profissionais da nossa área que hajam estudos referentes aos conhecimentos pertencentes à educação física. Penso, igualmente, que é interessante para os professores que existam trabalhos feitos sobre os Cadernos do Estado, não só em relação ao fato de sua viabilidade, de seu caráter prescritivo ou das discussões que permeiam este tema. A minha intenção é ir além disso, é discutir o que há dentro dos Cadernos, e por isso, escolhi a dança como foco da minha análise.

Para realizar este estudo, primeiramente busquei algumas referências que me fornecessem informações sobre conceitos de dança, como ela é ensinada na escola, se ela é realmente ensinada, entre outras. A minha ideia era ter em mente claramente o que eu considerava dança para, a partir disto, ter um bom embasamento em minha futura análise. Deparei-me também com certa “rixa” entre a área da Arte e da Educação Física em relação a quem pertence à dança, o que, em minha opinião, não deveria ser motivo de discussão, pois cada área pode ensinar a dança de acordo com suas especificidades.

O apoio bibliográfico se deve buscar na hora do escrever, para que seja inspiração, ajude a sair dos impasses, a descortinar novos horizontes e caminhos, não em simples cópia, ajuntamento de citações artificialmente arranjadas para ostentar erudição. As leituras de apoio devem ser pontuais e pontuadoras, isto é, devem ocorrer no momento preciso e circunscrever-se ao assunto da conversa, com o destaque do que parecer pertinente ao caso (MARQUES, 2006, p.24)

Após este levantamento bibliográfico, parti para a leitura da Proposta Curricular do Estado de São Paulo e dos 28 Cadernos do Professor e do Aluno de

educação física do Estado de São Paulo. Realizei primeiramente a leitura da Proposta Curricular (PPC) e por fim, dos Cadernos. Em relação a estes últimos, busquei guiar minha leitura ao que tocava o universo da dança.

De acordo com a legislação brasileira, o Capítulo II – Da Educação Básica - da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional traz em sua Seção I – Das Disposições Gerais – o Art. 26 (BRASIL, 1996), deve haver uma base nacional comum que oriente todos os currículos do ensino fundamental e médio, mas que ao mesmo tempo seja flexível para envolver todas as exigências de cada contexto em que as escolas se encontram. O § 3º deste mesmo artigo traz que a educação física é componente curricular obrigatório e que seu ensino deve ser ajustado ao contexto social, econômico e cultural em que estão inseridos seus alunos (BRASIL, 1996).

Para organizar a estrutura deste trabalho, organizei-o em cinco capítulos. No primeiro, busco compreender o que é a dança e porque dançamos, o que não foi fácil, pois a dança não é simplesmente uma “coisa”, mas um conjunto de várias expressões e sentimentos que aparecem em diversos contextos com diferentes sentidos e significados possíveis. No capítulo dois, faço uma reflexão sobre o ensino da dança na escola e, mais especificamente, no contexto da educação física escolar. A Proposta Curricular do Estado de São Paulo é o assunto do terceiro capítulo em que apresento a maneira como a dança aparece neste documento. Nele, discuto brevemente qual a concepção de área orientada na Proposta e com que objetivo ela foi escrita. O último capítulo aborda a estrutura com que os Cadernos do Professor e do Aluno são organizados e o que eles trazem sobre a dança desde o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Para encerrar, coloco-me o desafio de ir “para além dos Cadernos”.

Ao escrever todos os capítulos, percebi algo curioso. Sempre que estamos escrevendo um texto, tomamos um imenso cuidado para não repetir exaustivamente o mesmo termo. Eu mesma, ao escrever, muitas vezes busco sinônimos para diversas palavras. Percebi que, conforme ia escrevendo, a palavra DANÇA aparecia inúmeras vezes. Quando procurava alternativas para ela, simplesmente não encontrava. Acredito que nem a expressão DANÇA consegue englobar tudo o que ela significa e tampouco consegui encontrar algum outro termo que substituísse este e ainda sim, traduzisse em uma palavra tudo o que a dança representa.

Para realizar este estudo, busquei como referencial teórico o Coletivo de Autores (1992) que apresenta a abordagem crítico-superadora como concepção de área com a qual me identifiquei ao longo da minha formação na graduação em Educação

Física da Unicamp. Os autores consideram a “cultura corporal” como um conjunto de elementos da cultura humana relacionados às práticas corporais e como um importante conhecimento a ser estudado na educação física escolar.

Tenho total consciência de que os Cadernos do Estado foram escritos utilizando, como princípios norteadores, o “se-movimentar” e a “cultura de movimento” proposto por Elenor Kunz, não tocando na ideia de cultura corporal de acordo com Coletivo de Autores (1992).

Kunz (1994) por sua vez e com base em Dietrich e Landau, afirma que a Cultura de Movimento compreende “todas as atividades do movimento humano, tanto no esporte como em atividades extraesporte (ou no sentido amplo do esporte) e que pertencem ao mundo do ‘se-movimentar’ humano, o que o homem por este meio produz ou cria, de acordo com sua conduta, seu comportamento, e mesmo as resistências que se oferecem a essas condutas e ações. (Ibid, p.68)” (BRACHT, 2006, p.98).

No entanto, ao longo deste estudo, o leitor pode se deparar tanto com o uso do termo “cultura corporal” como “cultura de movimento”, pois concordo plenamente com Bracht (2006) quando afirma: “Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? Em princípio qualquer um, desde que cultura, ou seja, desde que se coloque o peso maior nesse conceito” (BRACHT, 2006, p.97). Ambos os termos tratam da cultura que vem sendo produzida pelo ser humano e é este conhecimento que é proposto nos Cadernos e que deve ser ensinado aos alunos na escola.

Encerro, neste momento, afirmando que este estudo pretende fomentar uma discussão a respeito do que os Cadernos do Estado trazem em relação à dança e de quais são as possibilidades de ensino dentro da escola. Digo ainda, a você leitor, que espero que durante a leitura deste trabalho, os professores sintam-se motivados a tratar da dança em suas aulas, os alunos se entusiasmem com este rico conhecimento que eles podem ter contato, que aqueles que um dia já foram alunos, sintam boas saudades do seu tempo de escola e que aqueles que não tiveram a dança inserida em suas aulas de educação física, possam hoje buscá-la em outros espaços.

## CAPÍTULO 1

### TENTANDO EXPLICAR O INEXPLICÁVEL: CONCEITOS E POSSIBILIDADES DA DANÇA

O que é dança afinal? Eis uma questão que tem acompanhado minha vida e meus estudos. Portanto, começarei este capítulo apresentando o que é a dança para mim. Responder esta pergunta é extremamente difícil e não tenho receio de dizer que talvez ainda não tenha a resposta. Ao menos, não uma resposta clara. Afinal, este é o tipo de pergunta que levamos uma vida toda para responder. Não é algo simples, como “Qual o meu nome?”, “Quantos anos eu tenho?”, “Qual minha cor preferida?”. Acredito que perguntar “O que é a dança?” seja quase tão difícil de responder quanto perguntar “O que é a vida?”.

Baseei-me nos estudos de muitos autores para encontrar um norte, um ponto de referência para esta grande questão. Encontrei muitas vezes a ideia de que a dança é a maneira que o ser humano encontrou de manifestar seus sentimentos, suas ideias, suas dúvidas, de homenagear e de denunciar. Segundo Sborquia (2002, p.6):

A dança é entendida como uma manifestação cultural a partir das formações simbólicas de cada sociedade, numa relação dialética entre o homem, a cultura e a sociedade. Pode-se dizer que a dança acompanhou o pensamento do ser humano, em busca da razão, da ciência ou mesmo em busca da arte.

Podemos dizer que a dança sempre fez parte do cotidiano das pessoas, em quase todas as épocas e quase todas as civilizações que já habitaram nosso planeta. Não se pode dizer com certeza qual foi o momento exato em que surgiu a dança na vida das pessoas, mas se pode afirmar que ela apareceu muito antes de diversos hábitos que temos hoje.

A dança faz parte da humanidade desde tempos imemoriais e, sabe-se, esteve presente em quase todas as civilizações. Antes de polir a pedra, construir abrigos, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para se aquecer e se comunicar. Assim das cavernas à era dos computadores, a dança fez e continua fazendo história (SBORQUIA, 2002, p.6).

É muito interessante a forma como a dança apresenta-se nas distintas sociedades que já existiram e que ainda existem no mundo atual. “Ao conhecer, interpretar e compreender os sentidos e significados da dança, temos a oportunidade de

perceber, através dela, o desenvolvimento cultural de diferentes civilizações” (BRASILEIRO, 2002-2003).

A dança aparece como uma das manifestações mais antigas do ser humano e já teve diversas funções e estilos como aquelas específicas para a plantação, colheita e chuva, ou para o nascimento, a morte, a puberdade e a fertilidade, ou ainda para a caça e para as fases da lua.

Podemos dizer que a dança é a arte mais antiga que o homem experimentou e a primeira arte a vivenciar com o nascimento. E como tal, o homem e a dança evoluíram juntos nos movimentos, nas emoções, nas formas de expressão e na arte de transformar os seres deste mundo [...]. Dessa forma, caminharam juntos revelando ao longo da história a relação do homem com o mundo e seus diferentes modos de vida. ' (VERDERI, 2009, p.25)

Segundo Rangel (1996), podemos afirmar que a dança proporciona o contato do ser humano com seu íntimo e permite que através dela, seus segredos sejam expostos. É uma forma de expressar o seu estado emocional, seus desejos, suas aspirações. A dança possui movimento, movimentação, mas não se pode dizer que todo movimento é dança, pois estaríamos deixando escapar toda a poesia presente nesta ação corporal. De acordo com Brasileiro (2009, p.8):

A dança está presente em diferentes momentos de nossas vidas, de diferentes formas, com diferentes sentidos. Dançamos desde crianças, sozinhas, em rodas, nos braços de nossos pais; quando adolescentes dançamos sozinhas imaginando estar com alguém ou com alguém bem mais perto, ou mesmo com muita gente ao redor, mas sozinha na dança. Nos tempos da vida adulta, a dança afasta-se um pouco, parece que vira coisa da juventude, mas tentamos em espaços mais sociais, ou quando o rádio nos pega de surpresa no banho, na sala, na cozinha... E aí dançamos.

Diversos elementos estão presentes nesta prática. O ritmo, o espaço, o tempo, o som, o movimento, a energia, a forma. A dança pode ser traduzida aqui como uma frase, um grande texto formado por todos estes elementos que aparecem como palavras, acentos, pontos e vírgulas. Não posso dizer que somando tudo nós teremos a dança de fato, assim como não se pode dizer que a soma de palavras traz como resultado um texto coerente. É sempre preciso um algo a mais, um toque de sentimento, de poesia, algo que faça com que aquilo tenha significado para você, tenha seu jeito, seu estilo.

A dança possui definições relacionadas a vários enfoques, envolvendo sempre o movimento, como: relação com os deuses; relação consigo, com os outros e com a natureza; transcendência; emoção, expressão, sentimentos; símbolos, linguagem e comunicação; interação entre aspectos fisiológicos,

psicológicos, intelectual, emocional; tempo, espaço, ritmo; arte; educação (RANGEL, 1996, p.5).

Acredito que é assim que a dança se dá. Podemos ter a mesma movimentação, o mesmo espaço, mas a intenção com que se dança faz com que surjam os diversos estilos e tipos de dança, assim como afirma Rangel (1996, p.9):

Cada dança possui sua forma peculiar de sistematizar seus elementos. Sons, movimentos, formas, espaço, ritmo, energia [...], enriquecem, dinamizam e caracterizam as mais variadas danças, onde cada uma delas assume seu próprio estilo, com suas infinitas possibilidades de combinarem os elementos entre si.

De acordo com Vilela (1998), temos de ter sempre em mente que a dança acaba absorvendo e transmitindo algumas peculiaridades da época em que está inserida e que não podemos nos esquecer de levar o contexto histórico em consideração.

A dança, em seus diferentes estilos, adota formas de expressão e estruturas simbólicas da época e cultura em que está inserida, e situá-la no período histórico e ambiente social é também estabelecer suas relações com os pensamentos, formas de agir e ideologia de um momento da civilização humana. Assim, não podemos falar da relação da corporeidade na dança como um todo, como se ela fosse sempre a mesma. Esta análise depende de qual estilo de dança estamos tratando, do período histórico e cultural em que está inserida (VILELA, 1998, p.12).

Identifiquei-me muito com a ideia de que a dança é uma forma de expressar-se, uma linguagem, e assim como qualquer tipo de linguagem, existem aqueles que apresentam uma incrível facilidade em traduzir todos os sentimentos através de passos de dança, enquanto outros preferem apenas observar. “A dança transmite sentimentos, é considerada uma linguagem social que expressa diversos aspectos da vida do homem” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.58). Penso que a dança mostra-se como uma linguagem especial, possui o gesto como elemento fundamental que a caracteriza como uma linguagem corporal. “Mesmo que a palavra, como signo privilegiado, acompanhe todas as outras formas de linguagem, quando o gesto for seu suporte privilegiado será linguagem corporal” (BRASILEIRO, 2009, p.206).

A dança surge então como uma forma de expressar o que não conseguimos dizer com nossas próprias palavras. Como uma maneira de exteriorizar tudo aquilo que sentimos em nosso íntimo.

Entendemos que a dança é uma linguagem que difere das outras, mas não as transcende, pois cada ser humano possui uma maneira diferente de se manifestar e a dança é uma delas. Alguns possuem maior facilidade em se

expressar através da dança, outros possuem maior facilidade em se expressar através da poesia, da pintura, da música, da palavra. Todas essas manifestações são formas do ser humano transcender a sua existência, mas nenhuma é maior que a outra (SBORQUIA, 2002, p.15).

Segundo essa autora, um mesmo espetáculo de dança pode apresentar significados distintos para cada pessoa que assistiu, pois “A dança faz parte do universo cultural e é impregnada de valores e símbolos sociais” (SBORQUIA, 2002, p.15). Aquele que dança, assim como aquele que assiste, percebe a dança de uma maneira única que é dele, que tem a ver com o seu estado emocional naquele momento, com sua história de vida, com suas características particulares. Muitas vezes, os artistas e dançarinos possuem uma determinada intenção ao elaborar um espetáculo, mas na hora da apresentação, não é possível “controlar” os sentidos e significados produzidos por aqueles que assistem.

Se para escrevermos um livro, os instrumentos utilizados são o papel e caneta, para a linguagem da dança, precisamos única e exclusivamente de um corpo dançante.

Aqui, parece-me que ao falar de instrumento está se tratando de algo a ser utilizado; nesse caso, o corpo é usado pelo professor e pelo dançarino para dançar e ensinar dança, sendo o corpo seu próprio instrumento de ação e intervenção. Fica a idéia de que na pintura o pintor usa telas, pincéis e tintas como seus instrumentos, em um jogo de futebol será a bola, em uma partida de tênis será a raquete e sua bola específica, e na dança não há esse instrumento externo, será o próprio corpo seu instrumento. Neste caso, objeto e instrumento em dança encontram-se, são o corpo (BRASILEIRO, 2009, p.138).

Este corpo traduz toda a inquietação presente no ser humano. Muitas vezes ele não é assexuado, existem as danças consideradas masculinas e as femininas. “A dança não é uma atividade inata ou exclusivamente feminina, historicamente nunca o foi. Repensar o papel do homem e a masculinidade na dança é também repensar o papel do homem e a masculinidade em todas as ações e expectativas sociais” (VILELA, 1998, p.34). Acredito que esta é uma discussão extremamente pertinente no contexto escolar. Utilizar-se da dança para desmistificar as “coisas de meninos e coisas de meninas” é algo muito valioso e que pode e deve ser trabalhado na escola.

Outra questão que permeia a compreensão da dança pode ser expressa da seguinte forma: por que dançamos? Nesse sentido, também podemos encontrar diversas explicações do por que nós dançávamos e porque ainda dançamos. Segundo Vilela (1998, p.16):

Dançávamos para comemorar a caça, agora para comemorar casamentos e uniões, para expressar e extravasar alegrias como no carnaval, para celebrar e orar como no Candomblé. Dançávamos para conquistar o parceiro, para festejar, pagar promessas, para gerar calor, para buscar a paz. Por tantos motivos e de diferentes formas dançávamos na Antigüidade e dançamos na contemporaneidade. Mas, por quê? Qual é a função da dança na sociedade atual contemporânea?

Penso que a finalidade da dança tem certas particularidades que variam de acordo com a época e com a sociedade, mas a essência dessa finalidade, o objetivo de se dançar é e sempre será o mesmo: expressar-se. Esse termo engloba tudo o que pretendemos ao dançar: expressar nossas alegrias, nossas angústias, nossos medos, nossos desejos, nossas frustrações, nossa comemorações. Na atualidade, podemos dizer que o dançar apresenta-se como uma forma de nos comunicarmos com as pessoas, com nós mesmos, com a sociedade no geral. Tem ainda um aspecto religioso ou místico, uma maneira que o homem encontrou de entrar em contato com o divino, transcender a realidade. Aparece também como meio de diversão, de apreciação, observar o que é belo ou tornar algo belo. A dança permite identificarmo-nos com uma cultura, fazer parte de um grupo, integrar-se.

A partir das considerações anteriores sobre a dança, será feita, no próximo capítulo, uma reflexão sobre o ensino da dança na escola e, mais especificamente, no contexto da educação física escolar.

## CAPÍTULO 2

### A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

#### 2.1 Por que a dança deve ser ensinada na escola?

Ao longo de meus estudos para escrever este trabalho, deparei-me muitas vezes com mais uma questão. Perguntava-me sempre o porquê que a dança deveria ser ensinada na escola, o que ela tem de tão especial e fundamental? Ao final deste percurso de pesquisa, posso dizer com segurança que a dança deve ser ensinada pelo simples fato de que ela faz parte da cultura e é direito do aluno aprender tudo que constitui a história do ser humano. “A escola pode possibilitar o acesso a todo patrimônio cultural, porque a dança é patrimônio da humanidade, a dança é cultura, é história” (SBORQUIA, 2002. p.12).

Utilizando-me igualmente da análise de Barreto (1998), pude partir da ideia de que o ensino da dança no contexto escolar é justificado por proporcionar que o aluno melhore seu auto-conhecimento que é fundamental na formação da identidade da criança e do jovem. Pode proporcionar que o aluno se sensibilize e estabeleça relacionamentos com outras pessoas para apreciação da estética e da beleza não só da dança, mas do mundo. O aluno sente-se incentivado a expressar-se, comunicar-se e estabelecer “diálogos corporais”, como afirma Verderi (2009, p.58): Se partirmos do princípio que dançar é tão importante quanto falar, comunicar, mover-se, aprender matemática, sorrir, temos que desenvolver uma proposta compatível com as exigências do que seja considerado um bom ensino.

O ensino da dança na escola pode, portanto, proporcionar ao aluno que ele a conceba como uma forma de expressão humana e artística que torna possível a transcendência; ser vista como fonte de prazer e leveza, de expressão dos sentimentos mais íntimos, como um conhecimento que deve ser ensinado por fazer parte da cultura corporal; como uma grande gama de variadas técnicas e estilos; como forma de liberar a imaginação, desenvolver a criatividade e sensibilizar-se.

Para isto é preciso o desafio. Não se desafia a inteligência do aluno com a repetição do que ele já sabe ou com a reprodução superficial do que as mídias oferecem, ou ainda, com o pronto atendimento do desejo da criança e do

jovem. O desejo também é construído socialmente... gosta-se, em princípio, do que se conhece. Rejeita-se, em princípio, o desconhecido, o difícil, o elaborado (SOARES, 1996, p.6).

Soares (1996) alerta para o fato de que a escola é o local em que os alunos podem e devem estabelecer relações saudáveis com o “novo”, é dentro deste espaço que o aluno deve conhecer todas as variadas possibilidades que a nossa rica cultura corporal nos oferece. As aulas de educação física devem proporcionar ao aluno a experiência deste “novo”, de todos os conhecimentos que compõem a cultura corporal.

Nessa mesma linha de pensamento, Ayoub (2003), ao discutir os compromissos e desafios da educação física escolar na atualidade, tendo como foco os conhecimentos que devem ser ensinados na escola, defende que

A educação física escolar tem de assumir para si o compromisso e o desafio de ensinar (e ensinar bem!) às suas alunas e alunos os diversos temas da cultura corporal, entendida como o conjunto de práticas corporais que se tornaram patrimônio da humanidade (como o jogo, a ginástica, a dança, o esporte, a luta, entre outras), as quais foram sendo construídas pelo seres humanos, com determinados significados conferidos pelos diferentes contextos histórico-culturais. [...]

Aprender educação física na escola significa, portanto, vivenciar, conhecer, estudar, compreender, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar... as inúmeras linguagens da cultura corporal para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão corporal. (AYOUB, 2003, p.112-113).

Especificamente em relação à dança, em geral, ela é esquecida na esfera escolar por se tratar de um conhecimento artístico que é pouco valorizado em nossa cultura. Em grande parte das escolas, é tida com um valor de importância inferior aos conhecimentos de outras áreas tidas socialmente como mais importantes (como a língua portuguesa, a matemática e as ciências). A meu ver, este é um grande erro do sistema educacional brasileiro, dar prioridades a determinados assuntos em detrimento de outros. Quem é que julga o que é mais importante? Quem decide o que é que o aluno deve saber mais e o que ele deve saber menos? Será mesmo que existe uma resposta absoluta para essas questões? Se considerarmos que no contexto escolar encontramos diversos alunos com gostos, personalidades e peculiaridades diferentes, teremos a resposta. Os sentidos e significados que um conhecimento tem na vida de um aluno é diferente do de outro. “Papel da escola, da metodologia do ensino, do planejamento: organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo... produzir desafios com este desconhecido, arrancar alegria a cada conquista” (SOARES, 1996, p.6).

Originária do latim *curriculum*, currículo significa corrida, caminhada, percurso. Por analogia tem-se uma primeira aproximação conceitual - o currículo escolar representaria o percurso do homem no seu processo de apreensão do conhecimento científico selecionado pela escola: seu projeto de escolarização (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.16).

Se nos valermos da definição originária de ‘*curriculum*’ (COLETIVO DE AUTORES, 1992), teremos a função da escola claramente definida: o caminho que o aluno trilha ao longo de sua trajetória no contexto educacional. A escola deve oferecer uma caminhada completa do aluno durante os longos anos que passa entre a educação infantil e o ensino médio. Isso significa que dar prioridade aos conhecimentos “importantes”, ou seja, àqueles que são necessários para obter um bom resultado no vestibular, tornará a trajetória da criança e do jovem extremamente pobre em relação a tudo que ele poderia ter aprendido.

Por isso se afirma que a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retrçados e transmitidos para os alunos na escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.26).

A escola deve ser para o aluno o lugar em que ele pode entrar em contato com toda “a diversidade de conhecimentos *e com as* múltiplas formas de conhecer” (BARRETO, 1998, p.57). Segundo Brasileiro (2009), a educação do corpo aumentou demasiadamente nos últimos anos, porém a escola não acompanhou essas mudanças. A dança não ganha sua devida atenção simplesmente porque a emoção é sempre deixada de lado em relação à razão. Os conhecimentos mais sensíveis, estéticos, perdem força e espaço na educação.

Muitas escolas negligenciam os saberes ditos “não-intelectuais”, principalmente, aqueles ligados à área da arte como dança, teatro, música. Já os saberes da área da educação física tendo como referencial o paradigma da saúde, são aceitos pela comunidade escolar, pois apresentam “certa” utilidade (UGAYA, 2011, p.61)

Saber o que é a dança e qual a sua importância no processo educacional é de suma importância para saber o que se deve e pode ensinar. Compreender os possíveis sentidos e significados do ato de dançar e toda a beleza que ele carrega se faz necessário para mudarmos a atual situação do ensino nas escolas brasileiras.

Neste momento, meu propósito não é defender a estética em detrimento da Lógica, mas sim recuperar a beleza esquecida da educação formal das pessoas, para que se possa reencontrar verdadeira sentido dos conhecimentos (BARRETO, 1998, p.126).

Ehrenberg (2008) afirma que ensinar a dança na escola não tem como objetivo transformar os alunos em bailarinos. A ideia central deve ser o desenvolvimento da força de expressão, o aumento do conhecimento do aluno a respeito de seu próprio corpo, saber apreciar e formar um pensamento crítico em apresentações, “possibilitar a transformação dos alunos de espectadores passivos em participantes ativos” (EHRENBERG, 2008, p.26). Resende (2009) completa dizendo que a dança facilita a comunicação e favorece a construção da autonomia do indivíduo.

Outro aspecto a ser destacado é que, muitas vezes, a dança não é trabalhada na escola por se mostrar um conhecimento difícil pelo fato de expor corporalmente as pessoas. Segundo Barreto (1998), a dança torna-se algo desconfortável para algumas pessoas, angustiante e que expõe os limites e as dificuldades do aluno. O que muitos professores não parecem perceber é que esta é uma das características na dança que a torna ainda mais fascinante dentro do contexto escolar.

Na verdade o ensino de dança na escola é que precisa acolher também as angústias, o desconforto, a dor, o medo e todos os outros sentimentos humanos, porque frente a eles o indivíduo pode se conhecer, expressar o que sente e encontrar suas formas de fazê-lo (BARRETO, 1998, p.87).

A discussão de gênero que a dança traz no contexto escolar também é algo extremamente rico, conforme mencionado anteriormente.

## **2.2 Como se dá a dança na educação física escolar?**

Sborquia (2002) afirma que a educação física não pode privilegiar um conhecimento em detrimento de outros, deve levar em consideração toda a cultura que o ser humano expressa em seus atos. É interessante mostrar ao aluno como cada diferente sociedade se manifesta dançando. “[...] percebemos as diferenças entre cada sociedade através dos gestos, dos movimentos ritmados, da formação do grupo, da rigidez ou da soltura dos movimentos” (SBORQUIA, 2002, p.33). Da mesma forma, “Mesmo não se conhecendo determinada cultura, através da dança podemos compreender a mensagem que os movimentos corporais pretendem transmitir” (RANGEL, 1996, p.21).

Conforme explicitado em parágrafos anteriores, as aulas de educação física devem introduzir o aluno no universo da cultura corporal para que ele tenha capacidade de usufruir de todo o conhecimento, de transformá-lo e de produzir outras formas de cultura como autor de seus movimentos.

É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.27).

A aula de educação física é o espaço em que deve ser trabalhada uma reflexão da cultura corporal produzida pelo ser humano ao longo da história. Ignorar a expressão corporal e a dança “impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.29). Neste leque de opções, a cultura brasileira oferece inúmeras possibilidades para despertar a identidade do aluno resgatando as origens da dança no universo do índio, do negro e do branco.

Surge uma outra questão quando vamos falar da dança na escola: devemos trabalhar técnicas? Podemos trabalhar a técnica, mas ela deve aparecer como um meio e não como um fim. Não se deve exigir uma técnica com nível de alta performance. A dificuldade encontra-se em conseguir ensinar a técnica da dança sem retirar a riqueza dos movimentos livres, sem que se perca a espontaneidade ao dançar. O professor deve cuidar para não impor estilos de dança aos alunos, exigindo performance na execução.

Concordo com a proposta do Coletivo de Autores (1992) de trabalhar em aula o ritmo (cadência, estruturas rítmicas), o espaço (formas, trajetões, volumes, direções, orientações) e a energia (tensão, relaxamento, explosão).

As técnicas devem ser compreendidas como instrumentos necessários de um jogo, de uma série de ginástica, de passos de uma dança etc. Entretanto, cumpre assinalar que, durante a execução, o que prevalece na consciência do executante é o resultado que essas técnicas tem para o sucesso do jogo, da série de ginástica ou dos passos de dança (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.61).

O Coletivo de Autores (1992) afirma, ainda, que podemos aproveitar os conteúdos expressivos presentes nas ações do nosso cotidiano, nos estados afetivos, nas

sensações corporais, nos gestos e movimentos de elementos da natureza, no mundo do trabalho e da escola, nos problemas sociopolíticos atuais, na representação da cultura nacional e internacional através da dança e na identificação dos personagens presentes na dança.

As possibilidades de ensino da dança na escola são imensas. Barreto (1998) ressalta que podem ser trabalhados jogos, brincadeiras, mímicas, interpretações de cenas e música, exercícios de improvisação, atividades de conscientização corporal, exploração de danças e movimentos do cotidiano e temas da cultura brasileira.

Muitas escolas reduzem o ensino da dança apenas às épocas de festividades como Festa Junina, Festa da Primavera, Dia dos Pais e Dia das Mães, Festa de fim de ano, entre outras. As apresentações de escola muitas vezes acabam exigindo do aluno, movimentos técnicos que ele ainda não domina bem. Geralmente, o que se dança nestas coreografias são danças populares ou aquelas divulgadas pela mídia, restringindo o universo da dança a “dancinhas” para serem mostradas aos pais e familiares. As danças clássicas, contemporâneas ou modernas raramente aparecem em apresentações de datas comemorativas. De acordo com Brasileiro (2009, p.174):

Esses espaços vêm privilegiando a aprendizagem de danças já reconhecidas, metrificadas, estudadas através de suas formas, espaços, tempos, como é o caso do balé clássico, do jazz, do sapateado etc. E, nas festas escolares, serão as “coisas efêmeras”, as danças populares, que aparecem, enfeitam, divertem, mostram uma realidade colorida e festiva, mas comumente sem nenhuma organização para seu estudo efetivo.

Um aprendizado mais amplo fica comprometido com estas propostas, pois são realizadas geralmente com um curto espaço de tempo e ficam limitadas, na maior parte das vezes, a uma mera reprodução do que o professor elaborou. Não há reflexão e nem construção por parte dos alunos. Toda a riqueza da dança é esvaziada, não é compreendida como mais uma forma de atuação.

Faz-se necessário, portanto, o acesso ao universo da dança e a desmitificação de sua imagem apenas como elemento/espetáculo folclórico, normalmente de caráter contemplativo. É preciso passar a entendê-la como conhecimento significativo para as nossas ações corpóreas, que podem ser exploradas pelo universo de repertórios popular, folclórico, clássico, contemporâneo etc., bem como pela improvisação e pela composição coreográfica (BRASILEIRO, 2002-2003, p.11).

Soares (1996) aponta que os professores de educação física fazem tábula rasa do que foi produzido ao longo dos últimos 200 anos de sistematização da educação física contemporânea, desprezando o que deveria ser de seu domínio. O esporte é o conhecimento privilegiado nas aulas, mas muitas vezes nem ele é ensinado, mas sim apenas reproduzido de forma não planejada e ao sabor do gosto (ou desgosto) dos alunos.

Passamos, a seguir, para a apresentação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008) e a maneira como a dança aparece neste documento. Também será discutido brevemente qual a concepção de área orientada na Proposta e com que objetivo ela foi escrita.

## CAPÍTULO 3

### A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA SEGUNDO A PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Consultando a web site das Secretarias de Educação de diferentes Estados brasileiros pude averiguar que muitos possuem uma proposta curricular que rege a educação no Estado e outros ainda estão em fase de elaboração. Neste capítulo, tratarei especificamente da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (PPC) elaborada no ano de 2008 (SÃO PAULO, 2008) com a coordenação de Maria Inês Fini. A Proposta é dirigida a jovens entre 11 e 18 anos.

Segundo a Secretária da Educação do Estado de São Paulo na época da elaboração da proposta, Maria Helena Guimarães de Castro (2008), esta foi escrita com a intenção de corrigir a autonomia que as escolas tinham para criar seus próprios projetos pedagógicos. A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo teve duas estratégias para criar um currículo para o ensino fundamental (ciclo II) e ensino médio. A primeira foi realizar um levantamento de toda a produção pedagógica existente. A segunda foi de “identificar, sistematizar e divulgar as boas práticas existentes nas escolas de São Paulo” (SÃO PAULO, 2008, p.8).

A Proposta Curricular do Estado de São Paulo foi elaborada utilizando a concepção “culturalista” da educação física que apresenta como conteúdos clássicos da área: jogo, esporte, luta, ginástica e atividade rítmica/dança.

Esses elementos da Cultura Corporal são considerados conteúdos “clássicos” da área, pois estiveram presentes, sob várias formas, em alguns períodos do processo histórico da Educação Física Escolar, devendo ser tomados como construções humanas, patrimônios culturais a serem pedagogizados nas aulas” (BETTI et al, 2010, p.111).

A PPC da Educação Física (SÃO PAULO, 2008) utiliza dois conceitos para se orientar, o “se-movimentar” e a “cultura de movimento”. Ambos os conceitos expressam a idéia de que o sujeito praticante atribui um valor às diferentes formas de expressão corporal de acordo com sua história de vida, suas características pessoais. Ele coloca o indivíduo como sujeito, aquele que está praticando, expressando-se, movimentando-se. Considera que o sujeito estabelece uma relação de acordo com sua

história de vida, os conhecimentos que já possui, seus interesses e com aquilo que tem um significado para ele.

O que deveria ser aprendido/apreendido por parte dos alunos da Educação Física são as manifestações, os significados/sentidos, os fundamentos e critérios da cultura de movimento de nossos dias – ou seja, sua apropriação crítica (SÃO PAULO, 2008, p.43).

A Proposta é complementada ainda por um conjunto de documentos feitos para os professores: os Cadernos do Professor organizados por bimestres para cada disciplina. Temos então 28 Cadernos específicos da Educação Física (os quais serão numerados de 1 a 28).

Nele, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por séries e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como de sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclases e estudos interdisciplinares (SÃO PAULO, 2008, p. 9).

Ao longo da leitura da Proposta, pude notar o desejo de uma educação de qualidade para todos. A falta de um trabalho amplo e completo que abranja todos os conhecimentos da cultura corporal não ocorre somente na rede pública, mas em todo o sistema educacional brasileiro, salvo algumas exceções.

A educação precisa estar a serviço desse desenvolvimento, que coincide com a construção da identidade, da autonomia e da liberdade. Não há liberdade sem possibilidade de escolhas. Elas pressupõem um quadro de referências, um repertório que só pode ser garantido se houver acesso a um amplo conhecimento, dado por uma educação geral, articuladora, que transite entre o local e o mundial. Esse tipo de educação constrói, de forma cooperativa e solidária, uma síntese dos saberes produzidos pela humanidade, ao longo de sua história e de suas geografias, e dos saberes locais (SÃO PAULO, 2008, p.11).

A Proposta traz uma discussão interessante a respeito das atividades extracurriculares presentes na escola. Muitas vezes, a dança é tratada como uma atividade no contraturno, ou seja, não é ensinada no âmbito das aulas de educação física, mas há aulas de dança para quem quiser fazer em um horário antes ou após as aulas.

Precisamos entender que as atividades extraclasse não são “extracurriculares” quando se deseja articular a cultura e o conhecimento. Neste sentido, todas as atividades da escola são curriculares, ou não serão justificáveis no contexto escolar (SÃO PAULO, 2008, p.11).

A escola sempre foi o local onde se aprendia a ler, escrever e contar. “Naturalmente, há muito a ‘alfabetização’ que se espera da escola teve sua ação ampliada para incorporar o interesse pelas múltiplas linguagens presentes na sociedade contemporânea” (SÃO PAULO, 2008, p.33). Em resposta, surgiram propostas para organizar todo o conhecimento que poderia e deveria ser estudado no contexto escolar. Três grupos foram formados: as Linguagens; as Ciências Humanas; e as Ciências Naturais e Matemática.

A educação física foi incluída na área das Linguagens junto com a língua portuguesa, as línguas estrangeiras e a arte. Considero muito interessante estar dentro desta área, pois abarca toda a ideia de que os elementos da cultura corporal ou da cultura de movimento possam ser compreendidos como linguagem, assunto que venho abordando desde o início deste trabalho. A educação física aparece então na PPC no capítulo “A área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias” (SÃO PAULO, 2008).

Mais do que objetos de conhecimento, as linguagens são meios para o conhecimento. O homem conhece o mundo através de suas linguagens, de seus símbolos. À medida que ele se torna mais competente nas diferentes linguagens, torna-se mais capaz de conhecer a si mesmo, assim como a sua cultura e o mundo em que vive (SÃO PAULO, 2008, p.33).

A Proposta Curricular de educação física do Estado de São Paulo traz a ideia de que a cultura abrange a maneira como nos relacionamos em todos os aspectos. “Cultura é, assim, uma trama tecida por um longo processo acumulativo que reflete conhecimentos originados da relação dos indivíduos com as diferentes coisas do mundo” (SÃO PAULO, 2008, p.38). Tudo o que o ser humano produziu e ainda produz faz parte da cultura: “O ser humano é um ser de linguagens, as quais são tanto meios de produção da cultura quanto parte fundamental da cultura humana” (SÃO PAULO, 2008, p.38).

Ao longo dos anos, todo o conhecimento e a experiência adquirida foram se acumulando e formando o patrimônio cultural que deve ser ensinado de forma adequada para crescer, prosperar e se inovar.

Da mesma maneira, a Educação Física compreende o sujeito mergulhado em diferentes realidades culturais, nas quais estão indissociados corpo, movimento e intencionalidade. Ela não se reduz mais ao condicionamento físico e ao esporte, quando praticados de maneira inconsciente ou mecânica. O aluno do Ensino Fundamental e do Médio deve não só vivenciar, experimentar, valorizar, apreciar e aproveitar os benefícios advindos da cultura do movimento, mas também perceber e compreender os sentidos e significados das suas diversas manifestações na sociedade contemporânea (SÃO PAULO, 2008, p.38).

Temos então que a Proposta Curricular no que se refere à educação física deve abordar os conhecimentos relacionados aos aspectos corporais da cultura: as danças, os jogos, as lutas, a ginástica e os esportes. O ensino deve levar em consideração que estes conhecimentos são manifestações culturais que se expressam de diferentes formas em diferentes momentos e que não podem ser tidos como apenas movimentos mecânicos sem significados. Os alunos possuem experiências individuais com diversas manifestações da cultura corporal e é importante que se inclua esta experiência no contexto da aula para que eles possam compreender melhor seus significados, transformá-las ou até criar coisas novas.

É importante destacar que os valores, sentidos e práticas das culturas juvenis aparecem aqui como fatores decisivos, pois os conteúdos devem fazer sentido na vida dos alunos. Muitos jovens que, por vezes, resistem à prática de Educação Física na escola, movimentam-se espontaneamente no contexto de seu grupo e de seu bairro, em jogos, danças, bailes, na rua ou em outros lugares (BETTI et al, 2010, p.114)

A Proposta Curricular traz sugestões de conteúdos a serem trabalhados conforme os anos escolares. Existem os eixos de conteúdos (esportes, ginástica, atividade rítmica, lutas e jogos) e os eixos temáticos que tratam dos assuntos atuais da sociedade. “O cruzamento do eixo de conteúdo com o eixo temático propicia enfoques diferentes para um mesmo conteúdo que poderá aparecer em diferentes momentos ao longo do Ensino Fundamental Ciclo II e Médio” (BETTI et al, 2010, p.112). É importante destacar que não é a palavra “dança” que aparece e sim, a expressão “atividade rítmica”. A dança entra como o que será trabalhado na atividade rítmica.

Cabe também uma observação em relação à Atividade Rítmica, já que o *ritmo*, entendido como organização do tempo, e considerado em sua etimologia original (aquilo que flui, que se move), está presente em todos os outros conteúdos, e ao mesmo tempo é bem visível nas manifestações da cultura de movimento que se caracterizam pela intenção explícita de expressão por meio de movimentos/gestos coreografados na presença de sons, música e/ou canções (SÃO PAULO, 2008, p.44).

No ensino fundamental - ciclo II, o eixo temático é “organismo humano, movimento e saúde”. Nele, a dança é encaixada nos alongamentos e aquecimentos, trabalho de flexibilidade e postura, importância dos exercícios e atividades físicas para manutenção de um adequado peso corporal, capacidades físicas desenvolvidas dentro das atividades rítmicas. Há sugestões de que a dança seja abordada nos jogos rítmicos, nas manifestações da cultura nacional e internacional, trabalhando com as danças folclóricas e regionais como se deu seu processo histórico, discutindo gênero; manifestações dos diferentes grupos socioculturais; daqueles pertencentes à cultura jovem como o *hip hop* e o *street dance*, seus diferentes passos e estilos; organização de festivais de dança, entre outros.

No ensino médio, além dos conteúdos, existem também os temas de “mídia; corpo, saúde e beleza; contemporaneidade; lazer e trabalho”. Na sugestão de conhecimentos a serem trabalhados, a dança aparece apenas no 3º ano, ficando no 1º e no 2º ano apenas os conteúdos do esporte e da ginástica. Podemos notar que a dança pode ser contemplada nos assuntos tratados por corpo, saúde e beleza. No eixo temático da contemporaneidade, a dança pode ser trabalhada no assunto do preconceito e das diferenças.

Como eixo de conteúdo, a atividade rítmica do 3º ano sugere um trabalho com a capoeira que aparece como luta, mas que também pode ser ensinada como dança; o ritmo no esporte, na luta, na ginástica e na dança; o ritmo vital e o ritmo como organização expressiva do movimento; o tempo e o acento rítmico; as manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem como o *hip hop* e o *street dance*, os diferentes estilos como expressão sociocultural, os principais passos e movimentos, e as coreografias; as manifestações e representações da cultura rítmica nacional ou de outros países, danças folclóricas/regionais e seus processos históricos; e por fim, a organização de eventos esportivos e/ou festivais com apresentações de ginástica, luta e/ou dança. Notamos que o conteúdo do ensino fundamental e do ensino médio, no que se refere ao ensino da atividade rítmica, é bem semelhante.

Se o aluno identificar que determinados gestos e movimentos, seja nas Lutas, nas Atividades Rítmicas (ou outros conteúdos da Cultura de Movimento), “carregam” as características próprias dos participantes (sujeitos do próprio movimento), seja de si próprio ou outrem, então a diretriz-metodológica

apontada pela noção do Se-Movimentar estará concretizada (BETTI et al, 2010, p.124).

Pelo que podemos observar, o modo como a dança aparece contemplada no contexto da educação física escolar, tendo como eixo de fundamentação uma perspectiva de educação física baseada nos aspectos corporais da cultura, parece-nos bastante adequado, podendo favorecer o desenvolvimento de um trabalho que não restrinja a dança às “dancinhas” das festas escolares, ou à reprodução de passos criados pelo professor (ou melhor, professora), ou, ainda, às atividades para meninas.

No próximo capítulo, abordarei a estrutura com que os Cadernos do Professor e do Aluno são organizados e o que eles trazem sobre a dança desde o 5º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio.

## CAPÍTULO 4

### QUE DIZEM OS CADERNOS DO ESTADO?

#### 4.1 Estrutura dos Cadernos do professor e do aluno

Os Cadernos do Professor do Estado de São Paulo foram publicados no ano de 2008 e revisados em 2009 e causaram um forte impacto no sistema educacional, muitas críticas e sugestões foram feitas. Uma parte dos professores ficou descontente com o resultado do material, mas acreditamos que isso tenha ocorrido mais no sentido de fazer alguns professores saírem da zona de conforto em que estavam ao dar aula. Não quero de forma alguma dizer que os professores de educação física não planejem suas aulas com todos os conhecimentos pertencentes à área, e sim que de certa forma, alguns acabam optando pelo famoso “rola bola”. Para estes professores, acredito que os Cadernos tenham causado um enorme desconforto. Por outro lado, também ocorreram críticas no sentido de que havia uma cobrança de cumprimento do que está proposto no Caderno de forma rígida, numa sequência predefinida, desrespeitando as peculiaridades de cada escola, cada contexto, cada projeto político-pedagógico.

Em 2008 a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo implantou a nova Proposta Curricular para o Ensino Fundamental ciclo II e o Ensino Médio. Os professores receberam os Conteúdos Programáticos da Proposta Curricular do Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio e o Caderno do Professor (divididos por bimestre) de sua respectiva disciplina. Um ano, depois em 2009, foi distribuído aos estudantes, o Caderno do Aluno” (AMUSQUIVAR, 2010, p.21).

No total, temos 28 cadernos ao longo do ensino fundamental - ciclo II e ensino médio divididos em 4 bimestres por ano com sugestões para organizar os conteúdos e temas denominados de percursos de aprendizagem. “Os percursos iniciam-se pela definição de habilidades e competências formuladas como expectativas de aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos/temas abordados” (BETTI et al, 2010, p.115). Algumas modalidades de conteúdos aparecem como obrigatórias e outras apenas como sugestões que devem ser compatíveis com o projeto político-pedagógico da escola para serem postas em prática. As habilidades e competências vão variando e se articulando ao longo dos anos para que ao final da vida escolar do aluno ele seja capaz de criar coisas novas, realizar uma auto-avaliação, avaliar os outros e o contexto em que vive, tenha uma autonomia crítica e autocrítica. O aluno começa com as

habilidades e competências de identificar, relacionar, reconhecer, perceber, discriminar, comparar, analisar, selecionar, valorizar e compreender, e ao final consegue elaborar, avaliar, propor e apreciar.

Todos os Cadernos possuem uma ficha que é comum em todas as áreas. Contém o nome da disciplina, no caso a educação física, a área a que pertence das “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, qual a etapa da educação básica, a série, o período letivo, e os temas e conteúdos presentes no material. Há ainda orientações sobre os conteúdos do bimestre que resumem um pouco o que foi trabalhado no ciclo anterior, o que se pretende no ciclo II e o que terá no bimestre de determinado volume. Aborda as estratégias escolhidas para o desenvolvimento do tema, como deve ser vista a avaliação e a recuperação. No ciclo II do ensino fundamental, o tema é “organismo humano, movimento e saúde”, enquanto no ensino médio são: “corpo, saúde e beleza; contemporaneidade; mídia; e lazer e trabalho”.

Todos os Cadernos do Professor possuem em sua estrutura temas, entre dois ou três por bimestre; situações de aprendizagem, o número varia em cada volume; atividades avaliadoras; propostas de situações de recuperação e recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema. Há ainda as considerações finais individuais para cada volume e um quadro geral de conteúdos.

Em relação aos Cadernos do Aluno, é importante salientar que a equipe responsável pela sua elaboração não foi à mesma dos Cadernos do Professor. Ao observar a lista dos autores que compõem o quadro dos responsáveis pelos Cadernos do Aluno, notei que havia dois nomes diferentes, Carla de Meira Leite e Renata Elsa Stark. Por outro lado, ao longo da leitura de todos os Cadernos, pude notar uma discrepância no que se refere à forma como foram escritos e também no que diz respeito à sua estruturação comparativamente ao Caderno do Professor. Observei, frequentemente, que os temas são abordados de modo superficial, diferentemente do que ocorre nos Cadernos do Professor.

Os Cadernos do Aluno são divididos em: para começo de conversa, com uma breve introdução do que eles estão aprendendo; pesquisa de campo (ou individual ou em grupo); lição de casa; desafio; para saber mais, com algumas dicas de fontes em que podem buscar mais informações sobre o que aprenderam; você aprendeu, com algumas perguntas revisando o conteúdo; aprendendo a aprender, com alguma informação interessante sobre o que aprenderam; dica e curiosidade.

Os Cadernos do Professor utilizam o conceito de cultura de movimento e o se-movimentar conforme já foi mencionado. O primeiro refere-se a tudo que foi produzido e ainda se produz nos jogos, esportes, danças e atividades rítmicas, lutas, ginásticas etc. Esse conjunto de significados influencia diretamente no se-movimentar do aluno. Este segundo conceito refere-se à relação que o indivíduo estabelece com a cultura de movimento a partir da sua própria história de vida, suas relações sociais, seus gostos.

De acordo com Betti et al (2010), trinta e três exemplos de habilidades e competências presentes nos 28 Cadernos do Professor que fazem parte da PPC-Educação Física foram listados. No que se refere às atividades rítmicas, temos que o aluno deve ser capaz de reconhecer os ritmos que seu corpo produz, ter consciência dos diferentes ritmos presentes nas manifestações da cultura de movimento e de como se deu seu processo histórico, discutir o gênero e os preconceitos existentes na dança, saber organizar eventos de dança e regulamentos específicos para as categorias que se apresentam, e reconhecer os instrumentos que tocam no samba de roda. Muitos exemplos foram dados em relação aos eixos temáticos que claramente se relacionam com as atividades rítmicas, porém destaque aqui apenas os que tratavam o tema diretamente.

## **4.2 Cadernos do Professor do Ensino Fundamental**

### **4.2.1 Cadernos do 6º ano do E.F**

Darei início agora à análise dos Cadernos do Professor do Ensino Fundamental que foram revisados no ano de 2009. Começaremos pelos Cadernos do 6º ano do ensino fundamental. Os volumes 1 e 2 não trazem a dança como tema e é importante ressaltarmos que o termo utilizado é atividade rítmica. É interessante que mesmo a dança não aparecendo como um tema principal, ela pode ser discutida em organismo humano, movimento e saúde. Como ocorre no volume 2, em que a dança é citada como um componente da cultura de movimento quando se pede para pesquisar imagens de pessoas realizando atividades físicas, ou atividades em que se exige a capacidade física da força. No volume 3, a dança é abordada de maneira superficial no tema da ginástica artística sugerindo que se utilizem músicas com diversos ritmos para os alunos realizarem movimentos básicos da ginástica, tais como corridas, saltos, giros e

rolamentos. “Essa proposta permitirá um diálogo com outras possibilidades da GA, como a presença da música e da dança” (SÃO PAULO, 2009a, p.16).

Por fim, no volume 4, a dança é de fato trabalhada como o tema 2, porém intitulada de atividade rítmica. “Pretende-se que os alunos percebam o ritmo do próprio corpo e dos movimentos, associando-os, especialmente, a diferentes estilos de músicas e danças brasileiras” (SÃO PAULO, 2009a, p.8). São trazidos alguns elementos em relação à origem da palavra ritmo. As situações de aprendizagem sugeridas no volume 4 trazem jogos rítmicos como meios para que os alunos aprendam sobre a organização dos compassos, tipos de movimentos, potencial de criação e realização coletiva. Os ritmos do corpo são explorados com a batida do coração, com percussão de diferentes partes do corpo, com o toque das mãos em diferentes superfícies, intensidades, durações e velocidades. Considero formidável as formas utilizadas para se trabalhar a dança, o ritmo e a música, pois foram utilizadas situações do cotidiano, mas que muitas vezes não prestamos a devida atenção. Além disso, os diferentes tipos de compasso também estão presentes no volume 4 do 6º ano utilizando marchinhas de carnaval para explorar o compasso quaternário, o samba, o maculelê e o frevo para trabalhar no compasso binário e os pandeiros para o compasso ternário. Esses compassos são ensinados aos alunos de forma agradável com exercícios práticos que mostram que quanto mais rápida a música, mais rápido e menor o movimento ou também os alunos dançando no tempo e ficando imóveis quando a batucada é interrompida.

Considero interessante a abordagem dada à dança nos volumes dos Cadernos do 6º ano de forma geral. Poderia supor que foi utilizado o termo atividade rítmica pelo fato de ter sido trabalhado o ritmo em um contexto mais amplo, porém este termo não foi usado apenas neste volume e sim em outros como veremos mais adiante. Há uma discussão em relação ao uso deste termo entre os profissionais da arte, da dança e da educação física que acaba entrando na disputa por este conteúdo entre estas áreas, entretanto não entraremos neste assunto pelo fato de não ser o foco de nossa pesquisa.

#### **4.2.2 Cadernos do 7º ano do E.F**

Os Cadernos do 7º ano tratam da atividade rítmica como tema apenas no primeiro volume, enquanto nos volumes 2 e 4 não há nada e no terceiro a dança é citada somente como algo que faz parte da ginástica geral. Em momento algum, estou me referindo à distribuição dos temas ao longo dos bimestres de forma negativa ou em tom

de crítica. Não considero que seja ruim a dança ser abordada apenas em um bimestre durante o sétimo ano, pois devemos sempre levar em consideração a riqueza e a variedade dos conhecimentos que pertencem à cultura de movimento.

No volume 1 do 7º ano, o tema 2 apresenta o título de “Atividade rítmica: manifestações e representações da cultura rítmica nacional”. O Caderno traz que muitas vezes há um apelo exagerado quando vão tratar das danças folclóricas, pois as representações acabam sendo impregnadas pela visão que temos das diferentes regiões e o folclore acaba sendo visto como algo exótico demais. Por isso é importante apresentar aos alunos todas as diferentes danças regionais, para que passem a apreciá-las e respeitá-las.

Saber que não há apenas uma versão para as representações rítmicas pode contribuir para a relativização dos próprios conteúdos escolares, o que pode culminar na crítica que os alunos poderão fazer sobre as representações ideológicas associadas às diferentes regiões do país (SÃO PAULO, 2009a, p.26).

Considero que tratar deste assunto com o aluno seja de extrema importância para que a riqueza da cultura brasileira não se perca ou que seja apenas transmitido o senso comum que possuímos como do carnaval, por exemplo, que pode ser discutido em sala como ele se transformou no que é hoje, como um grande evento em que o Brasil é reconhecido mundialmente. As situações de aprendizagem presentes neste tema tratam dos diversos ritmos que formaram a cultura rítmica nacional. Há sugestões de trabalhos em grupo para que a turma pesquise sobre diferentes ritmos como xaxado, chula, dança do siriri, catira e carimbó, cada uma de uma região brasileira. O interessante é que este tema pode ser facilmente trabalhado de forma interdisciplinar com o professor de história, geografia, artes. “Pensamos que, para contextualizar a pluralidade da cultura rítmica brasileira, os alunos necessitam conhecer os costumes rítmicos dos nativos [...], dos invasores [...], dos escravizados [...], dos imigrantes [...], e dos migrantes [...]” (SÃO PAULO, 2009a, p.26).

Outro assunto interessante é a maneira como se dá a questão do gênero nas diferentes expressões da dança que gera muita polêmica naquelas consideradas de meninas e nas de meninos. O assunto pode ser abordado discutindo como o xaxado é predominantemente dançado por homens, o porquê do *ballet* ser mais praticado pelas mulheres, o fato do homem sempre conduzir a dança e muitos outros. Há também uma situação de aprendizagem em que os alunos devem inverter os papéis de homens e

mulheres e analisar como eles se expressam de formas diferentes dançando. O trabalho de condução mudando os papéis fazendo com que a mulher passe a conduzir em uma das danças já trabalhadas por eles é algo extremamente rico para a vida dos alunos.

No tema 3, organismo humano, movimento e saúde – capacidades físicas: aplicações no atletismo e na atividade rítmica do volume 1 do 7º ano, a dança é abordada ainda que não como um tema principal. O objetivo é compreender como o conhecimento nas capacidades físicas pode contribuir na prática de qualquer atividade e também que o ritmo é trabalhado em outros conteúdos e não apenas na dança.

Considero muito interessante as diferentes maneiras como a dança é explorada neste volume. A chamada temática ou chamada rítmica em que os alunos devem falar ou fazer algo relacionado com conhecimento de ritmo trabalha a timidez e a exposição utilizando do conteúdo ensinado. A sugestão da pesquisa sobre os diferentes ritmos na biblioteca, na internet, com os próprios professores de outras disciplinas, com a família e com os moradores da vizinhança é interessante, pois torna o conhecimento mais palpável para o aluno. A ideia dos alunos pesquisarem as danças das diferentes regiões do Estado de São Paulo pode ser aproveitada para a realização de um trabalho em conjunto com professores de outras disciplinas.

#### **4.2.3 Cadernos do 8º ano do E.F**

Nos Volumes 1, 2 e 4 dos Cadernos do 8º ano não encontrei nenhuma referência à dança e nem sobre atividade rítmica. Em contrapartida, no volume 3 o tema 1 é “atividade rítmica – manifestações e representações da cultura rítmica de outros países: o *zouk*”. Neste volume, há uma apresentação da história do *Zouk* e traz informações que revelam que este ritmo pode ser trabalhado de forma multidisciplinar com o professor de história e com o de geografia. Avalio como um tema interessante, pois o *zouk* tem características que tornam seu estudo atrativo para os alunos, pois é uma dança caribenha, popular em países e também dançada no Brasil, mas com um estilo diferente. Há informações sobre a diferença do *zouk* dançado no Brasil e em outras partes do mundo, e também sobre os passos básicos: *zouk cannelle*, *zouk gengembre* e o *zouk piment*.

As situações de aprendizagem do tema 1 do volume 3 possuem etapas interessantes que sugerem pesquisas para os alunos realizarem sobre os contextos em que o *zouk* aparece, percebendo diferenças e semelhanças. Os alunos devem montar um

roteiro de danças contendo os diferentes estilos e tipos de músicas que existem no mundo, qual a vestimenta utilizada, o local de origem, onde é dançada e o nome da dança. Ponderei ser muito significativa a atividade em que os alunos devem aprender um passo de algum ritmo e ensinar para turma, pois os coloca no papel de professores, ajudando a se expressarem melhor, vencendo a timidez que costumam ter. A troca de pares recomendada também auxilia em uma melhor interação com o grupo e na criação de novos laços de amizade. O trabalho de gênero na dança me encanta muito, pois acredito ser uma excelente forma de discutir velhos paradigmas. A situação de aprendizagem dois lança questões a respeito das semelhanças e diferenças no estilo de dançar dos meninos e das meninas.

Há uma dica interessante em um quadro informando aos professores que eles não precisam ser experientes no *zouk* ou em qualquer outra manifestação rítmica, pois eles devem saber ensinar e não fazer excelentes performances aos alunos. Além disso, podem utilizar do conhecimento dos próprios alunos que muitas vezes dançam os estilos ou apresentam muita facilidade em aprender. Este quadro não está presente apenas neste volume, ao longo de nossa leitura, pude observar que ele aparece em diversos temas. Acredito que isso se dá pelo fato de ter havido inúmeras reclamações por parte dos professores no sentido de não dominarem os diversos conteúdos que propunham os Cadernos.

Não pretendo avaliar aqui neste estudo as maneiras sugeridas para avaliação e recuperação dos alunos, pois penso que estes são assuntos demasiadamente densos e que não se esgotam passando apenas superficialmente por eles. Porém, neste volume 3, encontrei uma sugestão de recuperação que considere muito significativa que foi a ideia de fazer bailes para observar os outros dançando como maneira de recuperar aquilo que não aprenderam. Foi uma ideia bem diferente daquelas que costumam aparecer e acredito que a observação por parte dos alunos depois de terem visto todas as informações pode proporcionar um novo olhar sobre os diferentes estilos de dança.

#### **4.2.4 Cadernos do 9º ano do E.F**

Os Cadernos do 9º ano são os que mais contemplam o conhecimento da dança em suas propostas, sendo que apenas no volume 3 ela não aparece. No volume 1, temos primeiramente o tema 1 em que a capoeira é tratada como luta, mas que também poderia ser abordada como dança ou jogo. Há sugestões de se utilizar da música da

capoeira para que os alunos realizem diversos movimentos dentro ritmo. Penso que a capoeira poderia ter sido proposta abrangendo as áreas, dança, jogo e luta, e não apenas dentro da área da luta, visto que não há consenso em dizer a que área de fato ela pertence. É importante ressaltar que em seu texto introdutório, é apresentada a ideia de que a capoeira também é dança, mas a nossa crítica aqui consiste apenas na sugestão realizar o trabalho abrangendo todos os seus lados. Em um quadro que organiza os movimentos da capoeira, encontrei um trecho que diz que a ginga é um elemento da capoeira que se aproxima muito da dança e que nela os participantes usam de toda sua malandragem para enganar o adversário. Além disso, também há uma atividade proposta para que os alunos discutam qual a relação que a capoeira possui com o jogo, a dança e o esporte.

Não é fácil delimitar conceitualmente cada um desses eixos de conteúdos propostos, dada a sutileza de suas semelhanças, diferenças e interações. A capoeira é um exemplo esclarecedor. Ao mesmo tempo é luta, jogo e dança, tem sido objeto de um processo de “esportivização”, e no seu próprio interior possui ao menos duas manifestações que se distinguem em alguns aspectos – a capoeira angolana e a capoeira regional (SÃO PAULO, 2009a, p.44).

No tema 2 ainda do volume 1, o *hip hop* e o *street dance* aparecem como parte da atividade rítmica. Logo no início, sugere-se que o hip hop seja trabalhado em um contexto mais amplo, não apenas em seu estilo musical e dança, mas também englobando sua história, o *break*, o *b-boy* e o *street dance*. É proposto de maneira interessante que os alunos pesquisem sobre as diversas maneiras de se expressar dentro do movimento do *hip hop*. A atividade indicada de criar formas de percussão com o corpo é bem atrativa, principalmente quando é incluído o *beat box*, um estilo sonoro que trabalha com diferentes sons produzidos pela boca. Considero muito rica a ideia dos alunos criarem passos de dança com esses ritmos, pois é uma atividade extremamente dinâmica que envolve a dança e a música, ampliando assim o número de alunos atingido com a proposta. Além disso, o tema é muito rico para um trabalho interdisciplinar:

Professor, o tema *hip-hop* poderá ser desenvolvido de modo integrado com as disciplinas de Artes, Geografia, História, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira, na medida em que os conteúdos remetem a costumes brasileiros e de outros países, localização geográfica e situação econômica, expressões idiomáticas, termos estrangeiros e representações estéticas. Converse com os professores responsáveis por essas disciplinas em sua escola. Essa iniciativa facilitará a compreensão dos conteúdos de forma mais global e integrada pelos alunos (SÃO PAULO, 2009a, p.29).

As situações de aprendizagem indicadas são significantes para os alunos, pois recomendam pesquisas sobre os elementos do *hip hop*, não só ligados à dança, mas também ao *MC*, *DJ*, *rapper*, grafiteiro e *b-boy* ou *b-girl*. Neste trabalho, é proposto que aqueles responsáveis pelo *MC* organizem um evento de *hip hop*, os *DJs* providenciem as músicas, os *rappers* façam as rimas e os *b-boys* e *b-girls* criam passos de dança. É um trabalho muito rico que proporciona uma ligação direta com o que aprenderam e com o que podem fazer com isso. Há ainda uma etapa que trabalha com os estilos do *hip hop*: *breaking*, *popping*, *locking* e *freestyle*; outra que sugere um trabalho com letras das músicas, os preconceitos e as ideologias embutidas nelas; e também a proposta elaborarem um vídeo clipe com algum significado que fique bem claro.

Entrando agora no volume 2, o tema 2 também é sobre o *hip hop* e o *street dance*. Aborda mais a maneira como surgiu e consolidou-se nos Estados Unidos, um pouco do *soul*, do *funk* e do rap americano, e ainda como o *hip hop* veio para o Brasil. Acredito que embora pareça um pouco repetitivo dois semestres seguidos abordando o mesmo tema, o enfoque do trabalho é diferente e, portanto, não o torna monótono e desinteressante. Neste volume, há situações de aprendizagem que envolve a criação de sequências de movimentos para que todos os alunos participem e é interessante o fato de ser pedido para que os próprios alunos levem as músicas que apreciam, pois os aproxima do conteúdo. A ideia de que os alunos organizem um torneio simulando as batalhas de *hip hop* é bem bacana, pois é uma atividade bem dinâmica e divertida, porém de difícil execução caso os alunos não aderirem a proposta.

Novamente, sem querer entrar no assunto da avaliação, acredito ser necessário destacar a forma como é sugerida neste volume. A atividade avaliadora propõe que os alunos escolham uma música e escrevam uma coreografia para ela nomeando corretamente os passos. É uma atividade diferente que não avalia apenas a performance do aluno e sim, sua capacidade criativa e de escrita.

Por fim, no volume 4 o tema 1 é “atividade rítmica: organização de festival de dança e de expressões corporais”. Nele, sugere-se misturar as turmas dos diferentes anos no festival e trabalhar com os alunos a liderança, o planejamento, a organização, a comunicação e a divulgação. É enfatizado que o festival não deve ser uma atividade programada para os alunos e sim junto a eles, não deve estimular confrontos e constrangimento entre eles e que não necessita ser pensado como uma atividade específica da educação física. Deve estimulá-los a se sentirem responsáveis pelo

acontecimento do festival, “promover a discussão do regulamento do Festival por todos os alunos, com a coordenação e orientação dos professores de Educação Física da escola” (SÃO PAULO, 2009a, p.11). As situações de aprendizagem prevê a elaboração do festival, a criação do regulamento pelos alunos junto ao professor, a participação de todos os alunos, a definição das atividades de apoio como a organização da sequência das apresentações, o registro das atividades, a definição de critérios para apreciação estética e a preparação das torcidas. Além disso, propõe aos alunos a elaboração de uma maneira eficiente de divulgação do festival definindo as equipes, as formas de organização e trabalha a resolução de problemas urgentes que vão surgindo. Considero importante e muito significativa essa iniciativa para a vida dos alunos, pois é uma forma de descobrirem seus gostos e suas habilidades que podem facilitar muito o difícil momento pelo qual os jovens passam para escolher suas futuras profissões.

### **4.3 Cadernos do Aluno**

#### **4.3.1 Cadernos do 6º ano do E.F**

Começando pelo volume 1 do 6ª ano do ensino fundamental, pude notar que a única referência a dança ou ao ritmo aparece em uma questão sobre conhecer o próprio corpo em relação ao fato do alongamento servir somente para as pessoas que vão dançar ou praticar ginástica. No volume 2, há apenas uma comparação entre as fintas do futebol e as coreografias de dança, pois em ambas, os praticantes possuem agilidade para executar os movimentos rapidamente com mudança de direção. No volume 3 do Caderno do Professor, a dança é abordada dentro da ginástica artística, porém no do Aluno, ela não surge nem uma vez. No volume 4, é sugerido que o aluno se reúna com um grupo para dançar em músicas com ritmos diferentes para perceberem as velocidades lenta, moderada ou rápida. Há atividades para o aluno praticar com quadros para marcar as músicas e suas classificações, questões interessantes sobre os compassos trabalhados em aula, curiosidades sobre quais são os compassos no samba, frevo, baião, valsa e ainda há uma figura com pés ensinando o passo da valsa que é ternária.

### 4.3.2 Cadernos do 7º ano do E.F

Nos Cadernos do 7º ano, a dança é abordada apenas no volume 1 assim como nos do Professor desde mesmo ano. Nos volumes 2 e 4, nem uma referência é feita, enquanto que no volume 3, a palavra dança aparece somente se referindo a uma das possibilidades da ginástica geral e as palavras ritmo e rítmica surgem apenas se referindo a ginástica rítmica.

No volume 1, há uma série de perguntas que os alunos devem responder sobre sua nacionalidade, região da família no Brasil, o que escutam de músicas, que tipo de dança conhecem e gostam. Há ainda uma pesquisa em grupo que deve ser realizada sobre as diferentes manifestações rítmicas existentes nas regiões brasileiras e atividades de figuras contendo cenas de danças que devem ser associadas aos seus respectivos nomes. Considero muito interessante a proposta de entrevistar um praticante de dança para que ele conte quais capacidades físicas são importantes. Há um roteiro de entrevista perguntando qual a modalidade, quais são as capacidades envolvidas na prática, qual é a dominante, em quais tem facilidade ou dificuldade. A sensação que tenho é de que o Caderno do Aluno atinge de forma muito superficial todos os conhecimentos que foram propostos no Caderno do Professor. Como se não supusesse que o aluno aprendeu algo nas aulas. Talvez esta impressão que tenho seja pelo fato da equipe autora dos Cadernos do Aluno e dos Cadernos do Professor serem diferentes, como já mencionei no início deste capítulo.

### 4.3.3 Cadernos do 8º ano do E.F

Concordando com os volumes 1, 2 e 4 do Caderno do professor do 8º ano, o Caderno do aluno também não traz nada sobre dança. Já no volume 3, há mais ou menos o mesmo conteúdo que consta no do professor sobre a história do *zouk*. Há algumas perguntas sobre o significado de *zouk*, sua diferença com a lambada, como ele é dançado, onde se manifestou no Brasil e qual sua origem. As perguntas são adequadas ao conteúdo proposto no Caderno do Professor, mas considero um pouco superficial frente à densidade de conhecimento fornecido anteriormente. As sugestões de pesquisas condizem com o que aprenderam sobre os ritmos dançados aos pares, a vestimenta, a origem, as músicas e os passos básicos. Além disso, há uma atividade para descreverem como são realizados os passos básicos no quadro que me agrada pelo fato de atingir os

alunos que não demonstram muita habilidade com a execução dos passos ou aqueles que são muito tímidos para se expor dançando. Há também informações sobre os outros estilos do *zouk*, não só o *zouk Love*, como o *soulzouk*.

#### 4.3.4 Cadernos do 9º ano do E.F

No volume 1, sobre a capoeira, há apenas algumas pequenas relações da capoeira com a dança, já sobre o *hip hop*, aparecem imagens para os alunos escreverem qual elemento do *hip hop* aquela imagem representa: o *MC*, o *rapper* ou *DJ*, o grafiteiro e o *b-boy*, que foi um assunto proposto para ser discutido em aula. Há uma sugestão de pesquisa sobre os quatro estilos do *hip hop* para que depois eles possam dizer com qual se identificaram mais, além de uma atividade para escreverem um rap falando da sua própria experiência na escola. Há um quadro bacana de desafio com palavras cruzadas para identificar as palavras que se relacionam com os elementos da cultura de rua.

O volume 2 apresenta um texto introdutório que conta um pouco da história do *hip hop* nos Estados Unidos e no Brasil. As atividades propostas pedem a elaboração de uma coreografia de *freestyle* para batalha ou apresentação e o preenchimento de uma ficha com o nome da música que vão utilizar, os passos que desejam usar na coreografia e a sequência escrita. Considero atividades que estão de acordo com o que foi proposto no Caderno do Professor, porém há algumas coisas um pouco repetitivas como elaborações de coreografias.

O volume 3 não possui referência a dança assim como no Caderno do Professor, enquanto o volume 4 trabalha com os alunos os assuntos ligados aos festivais. Há uma questão interessante para os alunos classificarem o que se refere à competição e o que é um festival. A pesquisa em grupo sugere que se dividam e escolham uma comissão que pode ser de planejamento, de divulgação, técnica, do cerimonial e de avaliação e há também uma lista bacana com o que cada comissão deve pesquisar.

## 4.4 Cadernos do Professor do Ensino Médio

### 4.4.1 Cadernos do 1º ano do E.M

A dança é efetivamente contemplada apenas no volume 2 dos Cadernos do 1º ano do E.M. Neste, a atividade rítmica é o primeiro tema proposto e aborda o ritmo nas diversas manifestações corporais, tais como no esporte, na luta, na ginástica e na dança. É oferecida a ideia do que é ritmo, como ele se pode ser desenvolvido e como está diretamente ligado aos elementos do nosso cotidiano: “Consideramos que o ritmo está presente em todas as manifestações de nossa vida, abrange tudo o que conhecemos, incluindo nós mesmos e o modo como percebemos nossos movimentos no ambiente” (SÃO PAULO, 2009a, p.10). São apresentados conceitos de Laban (1978), que embora fosse um estudioso da área da dança, eles aparecem como propostas nas outras manifestações:

Como exemplos, no caso do esporte, há dois tempos rítmicos na bandeja do basquetebol e três tempos rítmicos para o deslocamento no handebol, ou para preparar uma cortada no voleibol. Quanto ao acento rítmico, ele consiste em uma ênfase que acentua a importância de um movimento, um tipo de tensão que pode surgir de forma abrupta ou gradual. No caso da luta, temos o exemplo de um golpe efetivo no boxe após uma sequência de movimentos de esquiva ou, no caso da ginástica, o momento de transferência de energia e peso em um salto realizado com o apoio das mãos (SÃO PAULO, 2009a, p.10).

Há a sugestão deste tema ser trabalhado junto com o professor de arte com a apreciação estética da dança. São propostas atividades que relacionem o ritmo próprio ao ritmo nas manifestações da cultura de movimento e que o aluno possa reconhecê-lo em qualquer expressão corporal. É interessante o questionamento indicado a ser feito com os alunos a respeito dos ritmos produzidos ou reproduzidos nos automóveis, máquinas, pessoas. Perceber os ritmos corporais, piscar, respirar, falar, e por fim, perceber os ritmos dos colegas. O assunto assemelha-se um pouco com aquele presente no volume 4 dos Cadernos do 6º ano do E.F, porém considero que embora seja trabalhado os ritmos do corpo, o enfoque é diferente, visto que neste volume a associação é feita com os ritmos produzidos por elementos externos, não apenas pelo corpo.

As etapas recomendadas para a situação de aprendizagem têm atividades muito bacanas, mas a que mais me chamou a atenção foi uma em que são montadas

seqüências de movimentos com determinada articulação preestabelecida, depois elas são juntadas e feitas em grupos. Quando um grupo estiver apresentando, todos devem observar o tempo e o acento rítmico. É uma maneira envolvente e dinâmica de colocar o conhecimento aprendido em prática. As outras etapas abordam mais os outros elementos da cultura e por isso, não vamos nos ater, visto que não é o foco do nosso presente estudo. Por fim, a atividade avaliadora indicada é muito rica, pois engloba efetivamente tudo o que os alunos aprenderam propondo que, em grupos, montem uma coreografia com movimentos característicos dos esportes, das lutas e das atividades do cotidiano com o objetivo de analisar se houve compreensão do tema.

#### **4.4.2 Cadernos do 2º ano do E.M**

Os Cadernos do 2º ano não desenvolvem o conhecimento da dança em nenhum volume. Podemos dizer apenas que no volume 4, o tema 1: “ginástica – ginástica alternativa”, cita a dança circular, mas não aprofunda no conhecimento.

#### **4.4.3 Cadernos do 3º ano do E.M**

De todos os 28 cadernos, os do 3º ano do ensino médio são os que mais contemplaram a dança, apresentando este conhecimento em todos os seus quatro volumes. No primeiro volume, nem a dança e nem a atividade rítmica são abordadas diretamente como um tema, porém a dança aparece na situação de aprendizagem 3 - gênero e sexo: diferenças, preconceitos e expectativas de desempenho do tema 3 - contemporaneidade: diferenças de gênero e de sexo e expectativas de desempenho físico e esportivo como construções culturais. Nela, há uma proposta de atividade para os alunos trabalharem lutas com as meninas e dança com os meninos com o objetivo de discutir a quebra de paradigmas entre as tão faladas “coisas de meninas” e “coisas de meninos”. “A intenção, obviamente, não é criar constrangimentos, mas gerar um debate posterior sobre limites, dificuldades, preconceitos e possibilidades de realização das atividades em conjunto, por meninos e meninas, respeitando-se as diferenças” (SÃO PAULO, 2009a, p. 20). A etapa 2 desta situação propõe que invertam-se os papéis do homem e da mulher na dança de salão, por exemplo. As meninas devem fazer os papéis masculinos, inclusive a condução. Uma estratégia extremamente significativa, pois muitas vezes os alunos não se atentam nestes detalhes que podem fomentar uma grande

discussão. Embora este assunto já tenha sido tratado no volume 3 dos Cadernos do 8º ano do ensino fundamental, considero como um meio muito bom para quebrar os preconceitos entre homens e mulheres.

No segundo volume, o tema 1 traz novamente o *hip hop* e o *street dance* como foco principal. Este estilo de dança já foi tema nos volumes 1 e 2 do 9º ano do E.F e agora no E.M, não notamos grandes mudanças no conteúdo. É feita também uma introdução à cultura do *hip hop* ressaltando que não é apenas um ritmo ou uma música, e sim um movimento que abrange outras áreas. Apresenta novamente os elementos do *hip hop*, os estilos de dança já falados e os nomes dos principais passos do *breaking*, *popping* e *locking*. A situação de Aprendizagem 1 propõe que os alunos montem uma coreografia mesclando os elementos e denunciando os problemas da região e do mundo apontando soluções. O objetivo é compreender e analisar o movimento do *hip hop* como expressão sociocultural e é neste sentido que consideramos que embora o assunto já tenha sido abordado, o foco é mais amplo, pois aborda o contexto em que o movimento se insere. Além disso, o assunto tem grande potencial para ser trabalhado de forma interdisciplinar com os professores de arte, geografia, história, língua portuguesa e língua estrangeira, considerando que os conteúdos discutem a localização geográfica, o contexto socioeconômico, as gírias e expressões.

Refletindo um pouco sobre a cultura jovem, podemos notar que sempre que pensamos nos adolescentes dançando, logo nos vem em mente o *street dance* e o *hip hop*. Talvez nos esqueçamos que o *funk* carioca, o pagode, o forró e o sertanejo universitário também têm forte expressão entre essa população. A dança é presente no cotidiano juvenil, porém dentro da Educação Física, nós professores temos dificuldade em atrair os alunos para a prática e reflexão.

Muitas vezes, o mesmo jovem que resiste a participar das aulas de Educação Física na escola, se movimenta espontaneamente no contexto da sua “galera” – o que leva necessidade de compreender o fenômeno das *culturas juvenis*, pois tem havido uma dissociação entre a vida (a “cultura viva”) e a escola (SÃO PAULO, 2009a, p.41).

O enfoque maior neste volume é dado aos problemas sociais existentes em todo mundo relacionando-os com este estilo de dança e de música. É solicitado que os alunos registrem suas percepções e elaborem uma coreografia que consiga expressar o problema percebido e que “tenha movimentos e atitudes (condutas) que indiquem uma possível solução para o problema denunciado” (SÃO PAULO, 2009a, p.13). Também é

proposto que os alunos aprendam os passos de *breaking*, *popping* e *locking* para depois formarem uma coreografia mais complexa e livre, cujo o estilo é denominado *freestyle*. A atividade tem o objetivo de tornar possível que todos os alunos experimentem os três estilos para depois montarem coreografias misturando os passos e criando novos a partir deles. Embora a proposta de criar coreografias sejam muito importante para estimular a capacidade criativa dos alunos, ao longo da leitura e análise dos cadernos, muitas vezes fiquei um pouco incomodadas com a quantidade de vezes em que é sugerido o pedido aos alunos para que eles elaborem algo.

O volume 3 traz o samba como tema das manifestações e representações da cultura rítmica nacional. Assim como nos outros temas, há um texto introdutório que apresenta ao professor a história do samba no Brasil, faz uma pequena relação com a capoeira que em aula pode ser mais aprofundada, visto que é um viés interessante para introduzir o assunto em aula. O texto também explica a origem do samba e descreve outras manifestações africanas representadas no Brasil como o maxixe, o jongo e o lundu. Particularmente, este tema foi o que mais me encantou, pois é algo diferente presente na cultura do povo brasileiro, mas muitas vezes pouco explorada. Muitas peculiaridades são indicadas para serem ensinadas aos alunos como a umbigada, como surgiu o nome “samba”, os instrumentos utilizados em cada estilo musical. Além disso, é interessante que a proposta é de que os alunos possam experimentar os diversos estilos do samba, o samba de raiz, roda de samba, samba de gafieira, samba rock, jongo, entre outros. Atividades com música e experimentação de instrumentos que eles mesmos confeccionam também são propostas, além da experimentação da dança e a observação de vídeos.

Entre as situações de aprendizagem, são indicadas atividades que os alunos relacionem o jongo com o samba nas letras das músicas, nos instrumentos utilizados, nas gírias entre os participantes e movimentos predominantes. Os alunos devem registrar como eles imaginam que surgiu o samba e trocar estes registros entre eles e se alguém da turma souber dançar o jongo pode mostrar e ensinar à turma. O professor pode promover uma roda de jongo com os alunos, com o passo da umbigada, colocar os tambores e escolher os cantores. Junto ao assunto do tema, é sugerido que o professor também discuta os preconceitos presentes em nossa sociedade.

Partindo agora para o tema 3 - corpo na contemporaneidade: a virtualização do corpo e os jogos virtuais – *videogames* e jogo de botão, a dança é introduzida no que se refere aos jogos virtuais em que os participantes vão seguindo uma coreografia

apresentada na tela do videogame. Embora muitos possam discordar deste tema ser tratado em aula por estimular o uso de jogos eletrônicos, acredito que este é um fenômeno que vêm crescendo cada vez mais e que é importante ser discutido em aula, visto que se refere aos hábitos dos alunos sobre sedentarismo.

Há indicadores de que os *videogames* estão ocupando o tempo que no passado era dedicado à música, à televisão e ao cinema. Assim, uma explicação para o sucesso dos *games* está no avanço tecnológico, permitindo interatividade e simulação da realidade, o que torna o divertimento interessante para todas as faixas etárias. Estima-se que aproximadamente 3 milhões de brasileiros, a maioria no Estado de São Paulo, frequentem as *LAN houses (Local Area Network)*, lojas que permitem jogar os diversos tipos de *games* conectados à internet (SÃO PAULO, 2009a, p.27)

Tratar dos jogos eletrônicos não significa dar mais valor a ele do que as outras práticas, mas sim se importar com algo que vem crescendo e que faz parte da realidade dos alunos. Na etapa 2 da situação de aprendizagem 1, por exemplo, a sugestão de se criar uma dança virtual como aquelas dançadas em tapetes é formidável. A ideia é tirar o tapete e fazer uma dança com sombras, em duplas ou grupos maiores, um vai dançando e o outro copiando os movimentos com a música ao fundo. Os alunos mesmo podem criar os tapetes de dança com EVA, como é sugerido, e coordenar os movimentos de acordo com as cores contidas nas placas do material. “Por exemplo, se alguém mencionar ‘direito/vermelho’, o aluno deverá movimentar seu pé direito para o local vermelho, que poderá estar à sua direita ou à sua esquerda, à frente ou atrás dele” (SÃO PAULO, 2009a, p.31)

Para finalizar os Cadernos do Professor, tratarei agora do último volume do E.M. Assim como no E.F, o último bimestre aborda a organização de torneios esportivos e festivais de dança, ginástica e luta.

Nas escolas que abrangem o Ensino Fundamental e o Médio, a organização do torneio e do festival poderá ser liderada pelos alunos da 3ª série do Ensino Médio em conjunto com os da 8ª série do Ensino Fundamental, já que a sua realização está prevista para ambas as séries, neste 4º bimestre (SÃO PAULO, 2009a, p.10)

O objetivo deste trabalho é tornar os alunos os sujeitos responsáveis e líderes do processo de organização, não se refere apenas a realização do evento. As situações de aprendizagem deste volume são relacionados a organização, ao planejamento, a divulgação, a realização e avaliação do festival.

## **4.5 Cadernos do Aluno do Ensino Médio**

### **4.5.1 Cadernos do 1º ano do E.M**

Apenas o volume 2 trata da dança e nele há uma série de figuras para o aluno relacioná-las com o ritmo e com o movimento, que considerei um pouco confusas. Depois o aluno deve dizer qual som imagina que cada uma daquelas figuras expressa, se é forte, agudo, suave, repetitivo, alternado ou grave. Há também uma série de figuras com situações esportivas para o aluno escrever se a imagem representa um movimento cíclico ou acíclico. Assim como nos outros volumes dos Cadernos dos alunos, fiquei com a impressão de que ele sempre toca muito superficialmente ou muitas vezes acaba tratando alguns aspectos diferentes daqueles propostos nos do professor. Um exemplo disto é a lição de casa que pede ao aluno que classifique qual é o plano, direção, extensão e trajetória de diversas imagens em algumas situações de jogo, sendo que neste volume, o Caderno do professor deu muita ênfase ao ritmo dos movimentos que compõe as manifestações da cultura corporal. Outro exemplo é que os Cadernos do Professor abordam alguns conceitos de Laban, enquanto nos do Aluno não há nenhuma referência.

### **4.5.2 Cadernos do 2º ano do E.M**

O 2º ano do Ensino Médio não possui o conteúdo 'dança', porém no quarto volume que trata das ginásticas alternativas, há um pequeno texto descrevendo como surgiu a dança circular.

### **4.5.3 Cadernos do 3º ano do E.M**

No volume 1, temos uma etapa na situação de aprendizagem que já apareceu no volume 3 dos Cadernos do 8º ano do ensino fundamental, que propõe que os alunos do sexo masculino pratiquem atividades consideradas femininas e vice-versa. Depois deve ser feito um debate em sala sobre as dificuldades e os preconceitos. A outra etapa sugere a inversão de papéis dentro da dança em que a mulher deve passar a ser responsável pela condução.

No segundo volume, há um texto descrevendo os elementos da cultura do *hip hop* e os estilos de dança, além de questões referentes ao assunto e imagens interessantes para identificarem os elementos presentes. É solicitado aos alunos que eles escrevam um rap que possa ser apresentado e dançado, e que aborde os problemas sociais do local onde moram. Há uma discrepância no conteúdo presente no volume 2 do Caderno do Professor e do aluno do 3º ano do ensino médio. Enquanto o foco do professor é o contexto social, econômico e político que envolve o *hip hop*, no do aluno são os elementos do movimento, tais como o *MC*, o *rapper*, o grafiteiro e o *b-boy*.

No volume 3, há um texto explicativo contando brevemente a história do samba, algumas questões a respeito dos instrumentos utilizados nas músicas e uma tabela interessante sobre os subgêneros do samba: enredo, de partido alto, pagode, gafieira, canção, carnavalesco, de exaltação, de breque, sambalão. É sugerido que os alunos realizem uma pesquisa sobre o jongo no Brasil para que depois eles respondam as perguntas presentes e também que preencham uma tabela com os instrumentos que fazem o acompanhamento rítmico do jongo. É interessante que o texto sobre o Jacob Penteadado que está no Caderno do Professor, aparece no do aluno, porém um outro trecho, com a proposta de discussão em grupo sobre o preconceito em relação às manifestações culturais dos negros, seus costumes, danças e relações. Em relação ao segundo tema a respeito dos jogos virtuais, há uma página dizendo o que o professor irá fazer com os alunos em aula, o que, ao nosso ver, contraria a ideia de que os Cadernos foram produzidos com o intuito de dar um suporte ao professor e não de tornar-se uma apostila com uma proposta obrigatória a ser seguida. Porém, quando o aluno lê dizendo o que vai ocorrer na aula, o professor perde o poder de alterar a proposta e ela passa de sugestão à obrigatoriedade.

Seu professor vai realizar atividades práticas simulando o *Dance Dance Revolution*, um *game* em forma de tapete, sobre o qual se dança no ritmo de luzes e sons. Para isso, será necessário construir uma replica do tapete virtual. Você pode usar papelão colorido, placas de EVA e até cartolinas, embora seja aconselhável escolher um material mais resistente” (SÃO PAULO, 2009a, p.16)

No volume 4, os alunos são convidados a encerrar o ano letivo desenvolvendo um torneio esportivo e um festival de dança, ginástica e luta. Para tanto, há questões diferenciando competição de festival e abordando o que é necessário para que ocorra um festival de forma satisfatória. É sugerida a separação da turma por comissões, providências e ações. Este último volume de todos os Cadernos encerra a

vida escolar do aluno no ensino básico e tenta fazer com que ele se engaje efetivamente na organização dos eventos para colocar em prática tudo o que aprendeu ao longo de todos os anos escolares.

Após essa apresentação e análise de como a dança aparece nos Cadernos do Professor e do Aluno, penso que um dos nossos desafios consiste em ir “para além dos Cadernos”.

## PARA ALÉM DOS CADERNOS

Encerro este trabalho com uma visão bastante positiva em relação à Proposta Curricular do Estado de São Paulo, especificamente dos Cadernos do Professor de Educação Física. As sugestões feitas são excelentes, pois contemplam vários conhecimentos produzidos pelo ser humano ao longo de toda a história no que se refere às práticas corporais. Portanto, defendo a existência dos Cadernos e acredito que a Proposta é ótima, está muito bem formulada e tem potencial teórico-metodológico para que seja realizado um bom trabalho nas escolas. Em relação aos Cadernos do Aluno, fiquei um pouco descontente por não transmitir uma ideia de continuidade com os Cadernos do Aluno. Fica bem evidente que foram elaborados por equipes distintas e em muitos momentos, pude notar como as atividades propostas não consideravam o que o aluno aprendeu.

Como dito anteriormente, acredito que as críticas que vêm sendo feitas, referem-se a diferentes questões, relacionadas, por um lado, à cobrança de cumprimento do que está proposto nesse material de forma rígida, sem considerar as peculiaridades do projeto político-pedagógico de cada escola, e por outro, pelo fato de que existem professores que acabaram tendo de sair de uma certa “zona de conforto” em que estavam, afinal, torna-se mais fácil “rolar bola” ou dar a mesma aula todos os anos e para todas as séries do que ter de cumprir um planejamento amplo como é o proposto. Não quero, de maneira alguma, dizer que todos os professores de educação física são acomodados e desmotivados. Muito pelo contrário, acredito que, pelo Brasil afora, estejam espalhados excelentes profissionais que realizam um lindo trabalho com seus alunos. Outro ponto fundamental a ser destacado nessa discussão, diz respeito às condições de trabalho que os professores estão submetidos, com baixos salários, atuando em várias escolas da rede, sem estrutura física e material adequada para o desenvolvimento das atividades e sem uma política de educação continuada que sustente o envolvimento desses profissionais com a própria Proposta Curricular do Estado.

Penso, também, que é realmente válido o argumento de que as sugestões da proposta não condizem com a realidade escolar, não somente no que diz respeito às condições físicas e materiais, mas também em relação às perspectivas que os alunos possuem na escola e da educação física nesse contexto. Muitas das ideias propostas

podem ser vistas por eles com desdém e falta de interesse, pois os jovens muitas vezes não valorizam o conhecimento aprendido na escola, o que pode nos levar a uma outra ampla discussão acerca da relevância e pertinências dos conhecimentos tratados no âmbito escolar. Essa relação torna-se fundamental no cotidiano da escola, pois se o aluno não quer aprender, o professor não se sente motivado a ensinar e por sua vez, se o professor perde a motivação de ensinar, o aluno desiste de aprender. É um círculo vicioso que não tem nem começo, nem meio, nem fim e que está fortemente presente em muitas escolas brasileiras.

Por fim, gostaria de deixar uma ideia de continuidade deste trabalho, pois acredito que precisamos ir “para além dos Cadernos”, no sentido de que seria muito interessante propor uma reunião de todas as possibilidades que o ensino da dança possibilita dentro do contexto escolar. Penso que poderia haver um estudo que coletasse ideias e projetos de professores de educação física que trabalharam a dança de forma diferente e que obtiveram sucesso para estimular o trabalho de outros professores. Um estudo em âmbito nacional que tivesse como produto um mapeamento de propostas pedagógicas relativas à dança, que abrangesse um maior número de possibilidades e assim, motivasse o ensino da dança na escola que é tão rico em oportunidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMUSQUIVAR, Solange Braguieri. *A educação física na proposta curricular do Estado de São Paulo: visão dos professores*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), 2010. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física, 2010.

AYOUB, Eliana. Educação Física escolar: compromissos e desafios. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.106-117, maio 2003.

BARRETO, Debora. *Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

BETTI, Mauro; DAOLIO, Jocimar; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. *A proposta curricular de educação física do estado de São Paulo: fundamentos e desafios*. In: CARREIRA FILHO, Daniel; CORREIA, Walter Roberto (Orgs.). *Educação física escolar: docência e cotidiano*. Curitiba, Editora CRV, p.109-128.

BRACHT, Valter. Corporeidade, cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: NÓBREGA, Teresinha Petrucia (Orga.). *Epistemologia, saberes e práticas da educação física*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. p.97-105.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): Lei nº 9.394, de 20 dez. 1996*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 12 out. 2012.

BRASILEIRO, Livia Tenório. *O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? Pensar a Prática*, v.6, p.45-58, jul./jun. 2002-2003.

\_\_\_\_\_. *Dança - educação física: (in)ensas relações*. Campinas, 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2009.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE (Org.). *Educação Física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

EHRENBERG, Monica Caldas. *Os currículos de licenciatura em educação física: a dança em questão*. Campinas, 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2008.

MARQUES, Mário Osório. *Escrever e preciso: o princípio da pesquisa*. 5.ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2006.

RANGEL, Nilda Barbosa Cavalcante. *A disciplina dança nos cursos de educação física (licenciatura): o seu desvelar na visão do graduando*. Campinas. 1996. Tese (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1996.

RESENDE, Raquel Lebre Poloni de. *O oferecimento da dança nas escolas municipais do ensino fundamental do município de Campinas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), 2009. Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física / Coord. Maria Inês Fini*. São Paulo: SEE, 2008a.

\_\_\_\_\_. Secretaria Estadual de Educação. *Cadernos do Professor: Educação Física*. São Paulo: SEE, 2009a.

\_\_\_\_\_. Secretaria Estadual de Educação. *Cadernos do Aluno: Educação Física*. São Paulo: SEE, 2009b.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. *A dança no contexto da educação física: os (des)encontros entre a formação e a atuação profissional*. Campinas, 2002. Tese (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

UGAYA, Andresa de Souza. *A dança na formação docente em educação física*. Campinas, 2011. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2011.

VERDERI, Erica. *Dança na escola: uma abordagem pedagógica*. São Paulo: Phorte, 2009.

VILELA, Lilian Freitas. *O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas*. Campinas, 1998. Tese (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1998.